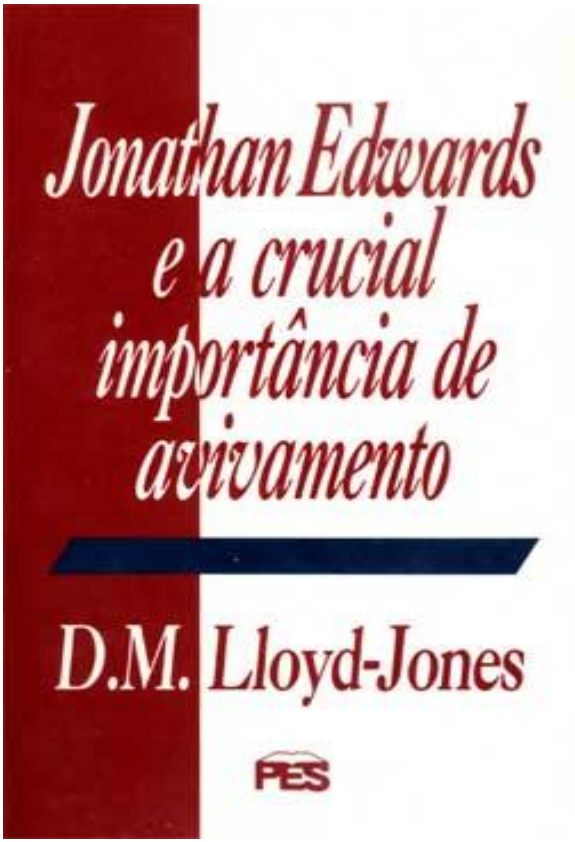


JONATHAN EDWARDS E A CRUCIAL IMPORTÂNCIA DE AVIVAMENTO

D.M. Lloyd-Jones

Digitalização: **Levita Digital**

A cópia impressa deste livro, não contém os dados sobre edição, capa e ano de lançamento.

Lançamento Digital:
www.ebooksgospel.com.br

Jonathan Edwards e a Crucial Importância de Avivamento

Ao estudarmos Jonathan Edwards e a crucial importância de avivamento, realmente estaremos apenas continuando e concluindo o que foi o tema geral desta Conferência desde o princípio - a experiência puritana na Nova Inglaterra[1]. Por que consideramos esse tema? Nós o fizemos primariamente porque queríamos homenagear os nossos amigos da América que estão comemorando o bicentenário da sua libertação do jugo da Inglaterra, e a celebração da sua independência. Mas tivemos uma razão ou motivo subsidiário, e foi que pudéssemos saber o que aconteceu na nova terra no século 17. Noutras palavras, o que estivemos considerando nesta Conferência assinalou ou sublinhou mais uma vez o que constitui a essência do puritanismo.

Há muito debate atualmente sobre o que o puritanismo é realmente; e eu acredito que a experiência ocorrida na Nova Inglaterra nos fez lembrar e nos mostrou claramente o que é o puritanismo em sua essência. Sua preocupação é com a natureza da Igreja Cristã. Alguns gostariam de fazer-nos crer que o puritanismo é essencialmente um interesse pela teologia pastoral; todavia isso era incidental. A essência do puritanismo era o desejo de levar a reforma, que já acontecera no terreno da doutrina, a penetrar a natureza, a vida e a política da Igreja

---

1 "A Experiência Puritana no Novo Mundo" foi o título geral para 1976.

Cristã. O tema desta Conferência demonstra isso da seguinte maneira: ali estavam muitos homens que, por diversas razões - sendo a principal delas a perseguição - atravessaram o Atlântico e foram viver naquele novo país. Todos eles tinham sido anglicanos, porém no momento em que tiveram liberdade para fazer o que realmente criam, deixaram de ser anglicanos. Descartaram o episcopado e introduziram a idéia congregacional da Igreja. Essa é a lição que sobressai com muita clareza. O mesmo sucedeu mais tarde neste país com a maioria dos puritanos; mas aqueles homens, com a oportunidade e a liberdade de fazerem o que queriam, e o que criam, fizeram imediatamente o que só foi feito uns 30 anos mais tarde na Inglaterra no tempo da guerra da rebelião, contra Carlos I, e depois, durante a Comunidade (República), e finalmente na Grande Ejeção de 1662. Meu argumento, pois, é que o que aconteceu na Nova Inglaterra é uma das mais vitalmente importantes peças de evidência quanto ao verdadeiro caráter e natureza do puritanismo.

Contudo, devo falar particularmente sobre Jonathan Edwards. Admito como certos os principais fatos concernentes a ele. Ele nasceu em 1703 e morreu em 1758. Curiosamente, morreu em conseqüência de ser vacinado contra a varíola. Tinha ele mente muito curiosa e ativa. Interessava-se por questões científicas, bem como por teologia, e isso foi a causa imediata da sua morte. Ele recebeu a educação então possível na Nova Inglaterra, e foi para a Universidade de Yale. Em 1727 foi ordenado como pastor assistente do seu avô, Solomon Stoddard, na

cidade de Northampton, Massachusetts. Dentro de um ano, mais ou menos, o ancião morreu, e Jonathan Edwards tornou-se o único pastor. Ali permaneceu ate 1750, quando foi literalmente despejado da sua igreja. Essa foi uma das coisas mais espantosas que já aconteceram, e deve servir como uma palavra de encorajamento para os ministros e pregadores. La estava esse altaneiro gênio, esse poderoso pregador, esse homem que estava no centro do grande avivamento -e, todavia, foi derrotado na votação da sua igreja por 230 votos a 23, em 1750. Não se surpreendam, portanto, irmãos, quanto ao que possa acontecer com vocês em suas igrejas!

Tendo sido posto fora da sua igreja em Northampton daquela maneira, foi para um lugar que, naqueles dias, era fronteira entre os índios -lugar chamado Stockbridge. Creio que pela providência de Deus ele foi enviado para lá, pois escreveu algumas das suas obras primas enquanto estava lá. Do mesmo modo como o aprisionamento de João Bunyan por 12 anos, em Bedford, deu-nos os seus clássicos, assim, creio eu, esse isolamento de Jonathan Edwards foi o meio pelo qual nos deu alguns dos seus clássicos. De lá foi chamado para ser o presidente do então Colégio de Nova Jersey ("College of New Jersey"), agora conhecido como Universidade de Princeton, e depois de breve tempo ali, morreu da maneira como acima descrevi.

No entanto, o que sobressai na vida desse homem é o extraordinário avivamento que eclodiu sob o seu ministério em Northampton, iniciado no fim de 1734, e em 1735, e então mais tarde, a sua

participação com outros no chamado Grande Despertamento, em conexão com a visita de George Whitefield e outros, em 1740. São esses os fatos salientes da vida desse grande homem.

Há certos pontos de diferença entre ele e aqueles a respeito de quem ouvimos até aqui nesta Conferência. Ele foi um homem do século 18, não do século 17. Ele nasceu na América. Muitos daqueles de quem estivemos ouvindo nasceram na Inglaterra e depois foram para a América. Creio também que estamos habilitados a dizer que com Jonathan Edwards pode-se ver um novo elemento ou um novo fator no puritanismo. Em sua maioria, os grandes puritanos tinham um estilo ou um aspecto que nos sentimos compelidos a descrever como escolasticismo neles. Isso levou ao caráter complicado do estilo deles, e às divisões e subdivisões que caracterizam as suas obras. Edwards está relativamente livre disso, e o resultado é que o seu método é mais direto, mais vívido. Além disso, vou dar a minha opinião de que o elemento do Espírito Santo é mais proeminente em Edwards do que em qualquer outro puritano.

Todavia, ele pertence à tradição que estamos examinando. Ele cria na teologia da aliança, mas rejeitava completamente a idéia da aliança parcial ou equidistante ("The Halfway Covenant"). Num sentido foi, indiretamente, por essa causa que ele foi mandado embora da sua igreja em 1750. Ele não batizava os filhos de certas pessoas e insistia num certo padrão de conduta e comportamento nos que deveriam ser admitidos à Ceia do Senhor. Acresce que Jonathan Edwards nada tinha a ver com a

doutrina do preparacionismo. Ele está ligado a John Cotton, e não a Thomas Hooker. Ele expressa o seu ponto de vista desta maneira: "Tudo no esquema cristão argumenta no sentido de que o direito ao céu e a aptidão para obtê-lo dependem de uma grande influência divina que causa imediatamente uma imensa mudança, e não de uma mudança gradativa como se supõe que pode ser ocasionada pelos homens no exercício do seu próprio poder. A excessiva diversidade das condições dos homens no mundo eterno o comprova" *(Obras* - "Works", Vol. 2, 557). Como irei mostrar, ele acreditava numa direta e imediata influência do Espírito, e numa conversão súbita e dramática. Entretanto, como os outros homens, ele gostava de ler as obras de William Ames, e lhes era devedor e, como outros, adotou grande parte do ensino de Ames em sua pregação. Naturalmente, à semelhança dos outros, ele era calvinista e congregacionalista e, como todos eles o faziam, ele dava grande ênfase aos elementos morais e éticos da fé cristã e da vida cristã. Contudo, aventuro-me a asseverar que em Edwards chegamos ao zénite ou ao ápice do puritanismo, pois nele temos o que vemos em todos os outros, mas, em acréscimo, este espírito, esta vida, esta vitalidade adicional. Não que nos outros houvesse completa falta disso, porém é uma característica tão saliente que eu afirmo que o puritanismo chegou à sua mais completa florescência na vida e ministério de Jonathan Edwards.

Ele entrou em cena depois de um período de considerável falta de vida nas igrejas. É muito importante que nos apercebamos disso. É suma-

mente confortador para nós, porque vivemos num período similar. Eis uma descrição do período imediatamente anterior a esse grande avivamento, descrição feita pelo Rev. W. Cooper, um dos ministros daquele tempo, em seu prefácio da obra de Edwards, *Marcas Distintivas de uma Obra do Espírito de Deus* ("Distinguishing Marks of a Work of the Spirit of God"): "Mas que época morta e estéril tem sido a atual, por um grande período, com todas as igrejas da Reforma! As chuvas de ouro foram retidas; as influências do Espírito foram suspensas; e a conseqüência foi que o evangelho não teve nenhum sucesso eminente. As conversões têm sido raras e duvidosas; poucos filhos e filhas têm nascido de Deus, e os corações dos cristãos já não são tão cheios de vida, calor e vigor sob as ordenanças, como eram. Que esse tem sido o triste estado da religião entre nós nesta terra, por muitos anos (exceto um ou dois lugares notáveis que por vezes têm sido visitados por chuvas de misericórdia, enquanto sobre outras cidades e igrejas não tem caído chuva alguma) será reconhecido por todos quantos tenham os seus sentidos espirituais exercitados, como tem sido lamentado por fiéis ministros e cristãos sérios" (Vol. 2, 257).

Como diz o Sr. Cooper, houve alguns toques aqui e ali, e particularmente na igreja da qual Jonathan Edwards se tornou ministro, sob o ministério do seu avô, o velho Sr. Stoddard. Mas não se haviam espalhado, tinham sido periódicos e tinham acabado mais ou menos completamente. Assim, houvera essa condição de inanição da Igreja; todavia

agora aconteceu algo novo. Após a seca, chuvas abundantes; a vida começou a manifestar-se mais uma vez. Aconteceu algo que continuou a afetar a vida da América muito profundamente durante pelo menos 100 anos, e de fato ate hoje.

É assombroso o novo interesse por Jonathan Edwards durante os últimos 40 anos, pouco mais, pouco menos. Posso ilustrar isso com a minha própria experiência. Pouco antes de entrar no ministério em 1927, procurei ajuda, quanto à leitura, de um amigo meu que, fazia pouco tempo, havia se graduado com honra em teologia na Universidade de Oxford. Ele recomendou grande numero de livros que estivera lendo com vistas à sua graduação. Entre os livros havia um intitulado *Pensamento Protestante Antes de Kant* ("Protestant Thought before Kant"), de autoria de um homem chamado McGiffert. A única coisa que me impressionou naquele livro foi um capítulo sobre um homem chamado Jonathan Edwards, apesar de ser tratado como filósofo. Mas o meu interesse foi despertado imediatamente. Na próxima vez que me encontrei com o meu amigo, perguntei: "Você pode, me dizer onde poderei encontrar mais alguma coisa sobre Jonathan Edwards?" "Quem é ele?", disse o outro. Ele não sabia nada sobre Edwards, e apesar de eu fazer muita pesquisa, não pude achar ninguém que me dissesse algo sobre Edwards ou sobre as suas obras. Só uns dois anos mais tarde, casualmente, achei os dois volumes das obras completas de Jonathan Edwards, que comprei então por cinco xelins. Foi como o homem da parábola do nosso Senhor, que achou uma

pérola de grande valor. Sua influência sobre mim não posso expressar com palavras.

Todavia, daquele tempo em diante, e começando no princípio da década de 1930, houve um despertamento do interesse por Edwards, de maneira a mais assombrosa. O professor Perry Miller é grandemente responsável por isso, mas não é o único. Parece que todo ano surgem livros sobre Jonathan Edwards. Há dois homens que passam suas férias na biblioteca da Universidade de Yale examinando cuidadosamente os sermões manuscritos de Jonathan Edwards. Noutras palavras, eles estão reeditando as obras completas de Edwards -uma edição definitiva. Tive o privilegio de encontrar-me com esses dois homens em 1967 e de manusear alguns dos manuscritos dos sermões desse grande homem. Os dois volumes recentemente reimpressos pela Banner of Truth Trust muitas vezes têm sido considerados como sendo as Obras Completas, contudo não são. Um homem publicou na década de 1860 um livro que consiste de numerosas outras coisas que não estão naqueles dois volumes, e existem mais - sermões, cartas, anotações ocasionais, miscelâneas, e assim por diante. Tudo vai ser publicado na edição definitiva.

A explicação desse fato espantoso é, naturalmente, que, entre outras coisas, Jonathan Edwards é o maior filósofo da América. Todos parecem admitir isso e, assim, estão interessados nele. Gostaria de dizer uma palavra de advertência neste ponto: vocês precisam exercer discriminação quando lerem alguns desses livros mais recentes sobre Jonathan Edwards.

Vários deles são escritos por professores de literatura inglesa, outros por filósofos; e eles estão interessados nele mormente como um grande pensador, como um grande escritor, como um homem que exerceu dominadora influência ate sobre a literatura dos Estados Unidos e que, em certo sentido, foi um precursor do movimento romântico da literatura inglesa. Mas, como muitos desses homens não são cristãos, tendem, inconsciente e involuntariamente, a interpretá-lo mal e a descrevê-lo mal. Por isso devem ser lidos com discernimento. Entretanto estou chamando a atenção para o fato de que esse homem admirável, que morreu há mais de 200 anos, ainda exerce esta poderosa influência sobre o pensamento vivo da América, como o fez através do século passado. Naturalmente, ele dividiu a opinião. Ele tem sido denunciado sem medida. Oliver Wendell Holmes, por exemplo, escreve sobre Jonathan Edwards assim: "Edwards tinha uma teologia cujas raízes estavam nas maiores profundezas do inferno", e escrevia numa "linguagem que choca a sensibilidade de uma geração mais recente". Ele continua dizendo: "Tivesse Edwards vivido mais tempo, não tenho dúvida de que o seu credo teria abrandado, tornando-se uma crença amável, humanizada". Noutras palavras, Edwards teria escrito o tipo de literatura que se vê em *O Autocrata à Mesa do Desjejum* ("The Autocrat at the Breakfast Table"). Graças a Deus, temos Edwards como ele é, não como Oliver Wendell Holmes, o humanista, que nunca entendeu Edwards de jeito nenhum, gostaria que ele fosse.

Clarence Darrow, o homem que defendeu aquele mestre-escola, Scopes, que foi perseguido por ensinar evolucionismo no início da década de 1920, e que se levantou contra William Jennings Bryan no famoso "julgamento de macaco", escreveu: "Não é surpreendente que a principal ocupação de Edwards no mundo era assustar mulheres tolas e crianças, e blasfemar o Deus que ele professava adorar... Nada, senão uma mente perturbada ou enferma, poderia produzir o seu *Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado* ("Sinners in the Hands of an Angry God")". Citei isso por causa dessa alusão ao sermão pregado por Edwards, com o título *Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado.* Vocês podem ouvir não infreqüentes referencias a esse sermão na televisão e alhures. O fato é que, segundo parece, tudo o que a maioria sabe sobre Edwards é que uma vez ele pregou um sermão com esse título. Isso é tudo que as pessoas sabem a respeito dele, e provavelmente nem leram aquele sermão. Apenas vão repetindo o que os outros dizem a respeito, e ele é considerado, como se conclui das palavras de Oliver Wendell Holmes, como nada mais que uma agressão, uma bombástica agressão à sensibilidade, e como uma violência à razão, e tudo mais. Está claro que isso é completamente ridículo.

Quem quer que saiba algo sobre Jonathan Edwards sabe que ele estava tão longe quanto é possível um homem estar de ser um orador bombástico. Mas ele disse algumas coisas muito fortes e alarmantes, passíveis de serem mal entendidas. O próprio Edwards deu resposta àquela crítica. Diz ele: "Outra coisa da qual alguns ministros têm sido muito

acusados, e penso que injustamente, é de transmitir grande terror aos que já estão aterrorizados, em vez de animá-los. Na verdade, se em tais casos os ministros andarem aterrorizando as pessoas com algo que não é verdadeiro, ou procurando atemorizá-las descrevendo a situação delas pior do que é, ou modificando-a nalgum aspecto, deverão ser condenados; não obstante, se as aterrorizam tão-somente pelo fato de lançarem mais luz sobre elas, e de as fazerem entender mais da sua situação, deverão ser completamente justificados. Quando as consciências são grandemente despertadas pelo Espírito de Deus, é-lhes comunicada alguma luz, capacitando os homens a enxergarem a sua situação, nalguma medida, como ela é; e, se lhes for dirigida mais luz, esta os aterrorizará ainda mais. Contudo, os ministros não deverão, portanto, ser condenados por seu empenho em lançar mais luz à consciência, em vez de lhes aliviar a dor sob a qual se acham interceptando e obstruindo a luz que já brilha. Dizer qualquer coisa aos que jamais creram no Senhor Jesus Cristo, descrever a situação deles doutro modo, senão que é extraordinariamente terrível, não é pregar-lhes a Palavra de Deus; pois a Palavra de Deus só revela a verdade; mas isso é iludi-los" (Vol. 1,392). Noutras palavras, Edwards cria que a Bíblia diz coisas terríveis sobre quem morre em seus pecados. Isso era tudo que Edwards fazia. Era puro argumento com as palavras das Escrituras. Não era o que Edwards dizia; era o que as Escrituras diziam; e ele achava que era seu dever advertir as pessoas. Mas ele suavizou isso, dizendo: "Sei de um caso apenas em

que a verdade deve ser sustada e não dita aos pecadores aflitos em sua consciência, o que se deve dar em caso de melancolia; e eles deverão ser poupados dela, não como se a verdade tendesse a feri-los, e sim porque, se lhes falarmos a verdade, poderão as vezes ser enganados e levados ao erro pela estranha disposição que há neles de entender mal as coisas" (Vol. 1, 392). Noutras palavras, ninguém estava mais longe da violência de um bombástico evangelista itinerante, do que Jonathan Edwards. Essa é a defesa que se deve fazer quando se ouvem pessoas referindo-se a ele como aquele homem terrível que pregou um sermão sobre *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado.*

Estudemos agora esse homem que teve tão duradoura influência e que parece estar se tornando outra vez uma influência dominadora no pensamento religioso da América. Confesso com franqueza que esta é uma das tarefas mais difíceis que já tentei em toda a minha vida. O tema é quase impossível, e em grande parte, pela razão que já dei, a saber, a influência de Edwards sobre mim. Receio, e o digo com muito pesar, que devo colocá-lo adiante até de Daniel Rowland e de George Whitefield. De fato eu tentei, talvez tolamente, comparar os puritanos com os Alpes, Lutero e Calvino com o Himalaia, e Jonathan Edwards com o Monte Everest! Ele sempre me pareceu ser o homem mais semelhante ao apostolo Paulo. Naturalmente, Whitefield foi um grande e poderoso pregador, como o foi Daniel Rowland, mas Edwards o foi também. Nenhum deles teve o intelecto, nenhum deles teve a compreensão da

teologia que Edwards teve, nenhum deles foi o filósofo que ele foi. Ele sobressai, parece-me, inteiramente pelo que ele é, entre os homens. Assim, a tarefa que me confronta, se posso seguir a minha analogia do Monte Everest, será decidir se devo abordá-lo pelo passo sul ou pelo passo norte. Há muitos meios de abordar aquele grande pináculo; mas não é só isso, a atmosfera é tão espiritualmente rarefeita, e há este fulgurante brancor da santidade do homem mesmo, e a sua grande ênfase à santidade e à glória de Deus; e acima de tudo a fraqueza do pequeno alpinista quando encara este altíssimo pico que aponta para o céu. Tudo que posso esperar fazer é dar-lhes alguns vislumbres deste homem e da sua vida, e do que ele fez, com o fim e objetivo culminante de persuadir cada um a comprar estes dois volumes das suas obras, e a lê-los!

Comecemos com o homem propriamente dito. A primeira coisa que se deve dizer é que ele foi um fenômeno. Aí está esse homem criado naquele país ainda não desenvolvido. Naturalmente havia gente capaz por lá, e já havia escolas - Harvard e Yale existiam. Mas não o explicam. Ele nasceu numa região relativamente isolada e, todavia, ele sobressai como um consumado gênio, pondo em ridículo quaisquer noções de evolução, ou a teoria dos caracteres adquiridos, e assim por diante. Diversamente da maioria dos outros homens sobre os quais estivemos ouvindo nesta Conferência, ele não esteve nem em Oxford nem em Cambridge. Ele era um intelecto vigoroso, capaz de um súbito espocar de florescência, original, acompanhado de brilhante

imaginação, admirável originalidade, porém, acima de tudo, de honestidade. Ele é um dos mais honestos escritores que já li. Nunca foge de um problema; enfrenta-os todos. Nunca fica rodeando uma dificuldade; ele tinha esse curioso interesse pela verdade em todos os seus aspectos, e depois, com todos aqueles dotes cintilantes, há a sua humildade e modéstia e, somada a isso, a sua excepcional espiritualidade. Ele sabia mais da religião experimental do que a maioria dos homens; e dava grande ênfase ao coração. Noutras palavras, o que toca a gente, quanto a Edwards, quando se olha para o homem como um todo, é a inteireza, o equilíbrio. Ele era ao mesmo tempo um vigoroso teólogo e um grande evangelista. Quão tolos nos tornamos nós! Este homem era ambas as coisas, como o fora o apóstolo Paulo. Ele foi também um grande pastor; cuidava das almas e dos seus problemas. Era igualmente hábil com os adultos e com as crianças. Era um grande defensor da conversão das crianças, e dava grande atenção às crianças, permitindo-lhes até que tivessem suas próprias reuniões. Ele parece que é tudo e que é perfeitamente equilibrado. Ele se opunha ao hiper-calvinismo, e igualmente se opunha ao arminianismo. Esse elemento de equilíbrio em seu ensino e em sua posição é demonstrado na seguinte afirmação: "Na graça eficaz não somos meramente passivos, nem ainda Deus faz um pouco e nós fazemos o restante. Mas Deus faz tudo, e nós fazemos tudo. Deus produz tudo, e nós agimos em tudo. Pois é isso que ele produz, isto é, os nossos atos. Deus é o único verdadeiro autor e a única verdadeira fonte;

nós somos tão-somente os verdadeiros agentes. Somos, em diferentes aspectos, totalmente passivos e totalmente ativos" (Vol. 2, 557, parágrafo 64).

Pois bem, essa era a posição de Edwards, e notamos este elemento de equilíbrio que estou salientando. Não há contradição ali; o antinômio final é apresentado perfeitamente.

Então, qual era o segredo deste homem? Não hesito em dizer isto: nele, sempre o espiritual dominava o intelectual. Creio que ele deve ter tido uma grande luta com o seu elevado intelecto e com o seu pensamento original. Além disso, era um leitor voraz e, para um homem como esse, teria sido a coisa mais simples do mundo tornar-se um puro intelectual, como Oliver Wendell Holmes, Perry Miller e muitos outros queriam que ele se tornasse. No entanto, como eles o expressavam, a teologia mantinha o comando. Ora, isso constitui a glória especial desse homem - e é isso que o explica -que ele sempre mantinha a sua filosofia e as suas especulações subservientes à Bíblia e as considerava simples servas. Fosse o que fosse que ele tentasse pensar, a Bíblia era suprema: tudo estava subordinado a Palavra de Deus. Todos os seus ricos e brilhantes dons não somente eram mantidos como subservientes, e sim eram usados como servos. Noutras palavras, ele era dominado por Deus. Alguém disse dele que "ele combinava uma apaixonada devoção com uma mente profundamente completa".

Estudemo-lo agora, por um momento, como pregador, pois ele foi preeminentemente um prega-

dor. É isso que ele queria e é isso que ele foi até aquele breve período em Princeton. Se dependesse dele, eu acho que ele teria continuado sempre como pregador, evangelista e mestre. Comecemos examinando o seu conceito de religião. Que é a verdadeira religião? Eis aqui uma pergunta que precisamos fazer a nós mesmos; e, no caso de Edwards, a resposta é perfeitamente clara. É o que hoje se chama um encontro existencial com Deus. É um encontro vivo com Deus. Deus e eu, estas "duas únicas realidades". A religião é, para Edwards, algo que pertence essencialmente ao coração. E essencialmente experimental, essencialmente prática. Isto fica claro no famoso relato que ele faz de uma experiência que teve uma vez. Não se esqueçam de que estamos lidando com um dos maiores gênios que o mundo já conheceu e o maior filósofo americano de todos os tempos. Eis o que ele nos conta:

"Uma vez, quando cavalgava nas matas pela minha saúde, em 1737, tendo apeado do meu cavalo num lugar retirado, como tem sido o meu costume comumente, para buscar contemplação divina e oração, tive uma visão, para mim extraordinária, da glória do Filho de Deus, como Mediador entre Deus e o homem, e a Sua maravilhosa, grande, plena, pura e suave graça e amor, e o Seu terno e gentil amparo. Esta graça que parecia tão calma e suave, parecia também grande, acima dos céus. A Pessoa de Cristo parecia inefavelmente excelente, com uma excelência bastante grande para absorver iodo o pensamento e concepção - o que continuou, quanto posso julgar, cerca de uma hora; o que me manteve a maior parte

do tempo num mar de lágrimas, e chorando em voz alta. Senti uma ardência na alma, um anseio por ser, o que não sei expressar doutro modo, esvaziado e aniquilado; jazer no pó e encher-me unicamente de Cristo; amá-lO com um amor santo e puro; confiar nEle; viver dEle; servi-lO e segui-lO; e ser perfeitamente santificado e tornado puro, com uma pureza divina e celestial. Várias outras vezes tive visões da mesma natureza, as quais tiveram os mesmos efeitos".

"Tendo tido muitas vezes uma percepção da glória da terceira Pessoa da Trindade, e do Seu ofício como Santificador; em Suas santas operações comunicando luz e vida divina à alma. Deus, nas comunicações do Seu Santo Espírito, tem parecido uma infinita fonte de divina glória e dulçor; estando cheio e sendo suficiente para encher e satisfazer a alma; derramando-Se em secretas comunicações; como o sol em sua glória, difundindo suave e agradável luz e vida. E as vezes eu tenho uma comovente percepção da excelência da palavra de Deus como palavra da vida; como a luz da vida; uma suave, excelente palavra que dá vida; acompanhada de uma sede dessa palavra, para que ela habite ricamente em meu coração" (Vol. 1,47).

Pois bem, isso descreve a sua idéia essencial de religião.

Outra citação também ajuda a expor a mesma ênfase:

"Todos admitirão que a verdadeira virtude ou santidade tem a sua sede mormente no coração, e não na cabeça. Segue-se, pois, do que já foi dito, que

a religião consiste principalmente de santos afetos. As coisas da religião têm lugar nos corações dos homens, não mais do que eles são afetados por elas. A informação do entendimento é totalmente vã, se não afeta o coração, ou, o que vem a dar na mesma, se não influencia os afetos. Aqueles cavalheiros que desconsideram estes elevados afetos na religião, sem dúvida admitirão que a religião verdadeira e santa, que tem a sua sede no coração, é apta para sublimes condições e para altos exercícios da alma" (Vol. 1, 367).

Aí temos a sua idéia essencial de religião; é mormente assunto do coração, e se não afetar o coração, não terá valor, faça o que fizer na cabeça. Mais uma outra citação nos ajudará a acentuar esta questão. É tirada de um dos mais grandiosos sermões de Edwards, que leva o título, "Uma luz divina e sobrenatural, infundida imediatamente na alma pelo Espírito de Deus, o que se demonstra que é uma doutrina bíblica, bem como uma doutrina racional" ("A Divine and Supernatural Light, immediately imparted to the Soul by the Spirit of God, shown to be both a Scriptural and Rational Doctrine"). Inclino-me a concordar aqui com o professor Perry Miller. Diz ele que neste sermão -um sermão relativamente curto - temos uma sinopse de todo o ensino de Edwards. Ele define esta luz espiritual e divina:

"Um sentido verdadeiro da glória divina e superlativa presente nestas coisas; uma excelência que é de uma espécie imensamente mais elevada, e de natureza mais sublime do que noutras coisas; uma glória que as distingue grandemente de tudo quanto é

terreno e temporal. Aquele que é espiritualmente iluminado, verdadeiramente apreende e vê isso, ou tem uma percepção disso. Ele não crê de maneira meramente racional que Deus é glorioso, mas tem um sentido da natureza gloriosa de Deus em seu coração. Não há somente uma percepção racional de que Deus é santo, e que a santidade é uma boa coisa, mas há uma percepção do caráter atraente da santidade de Deus. Não há apenas a conclusão especulativa de que Deus é gracioso, porém o senso de quão amável Deus é, por causa da beleza deste atributo divino" (Vol. 2, 14).

Temos aí, então, uma idéia do conceito de Edwards sobre religião. Religião é isso, e esse é o teste pelo qual devemos examinar-nos.

Passemos agora ao método de pregação de Edwards. Notamos logo que ele pregava sermões, e que não fazia preleções. Edwards não fazia prele-ção sobre verdades cristãs. Freqüentemente me dizem nestes dias que muitos pregadores parecem mais preletores do que pregadores. Pregar não é fazer preleção. Tampouco Edwards se limitava a fazer um apressado comentário de uma passagem. Isso também não é pregar, embora muitos hoje pareçam pensar que é. Não era essa a idéia que Edwards tinha da pregação; e essa nunca foi a idéia clássica da pregação.

Ele começava com um texto. Ele sempre foi escriturístico. Ele nunca tomava meramente um tema e falava sobre ele, exceto quando estava expondo uma doutrina, mas mesmo então escolhia um texto. Ele era sempre expositivo. Também era invariavelmente

analítico. Sua mente era analítica. Ele fazia divisões do seu texto, da sua exposição; ele quer chegar à essência da mensagem; assim, o elemento crítico, analítico da sua maravilhosa mente entra em ação. Ele faz isso para poder chegar à doutrina ensinada no versículo ou na porção; e depois argumenta acerca da doutrina, mostra como esta pode ser encontrada noutras partes das Escrituras, e a sua relação com outras doutrinas, e então estabelece a verdade doutrinária. Todavia nunca pára aí. Há sempre a aplicação. Ele estava pregando ao povo, e não fazendo uma dissertação, não dando expressão em público dos pensamentos privados que tivera no gabinete. Ele estava sempre interessado em dar a entender aos ouvintes a verdade, em mostrar-lhes a sua relevância. Entretanto, acima de tudo, e eu o cito, ele acreditava que a pregação devia ser sempre "quente e zelosa". Lembro-lhes outra vez que estamos lidando aqui com um intelecto gigantesco e com um brilhante filósofo; e, contudo, este é o homem que coloca toda a sua ênfase no calor e no sentimento. Eis como ele expõe este princípio:

"A freqüente pregação usada ultimamente tem sido, de maneira particular, objetada como sendo sem proveito e prejudicial. A objeção é que quando se ouvem muitos sermões seguidamente, um sermão tende a empurrar o outro para fora, de modo que os ouvintes perdem o benefício de todos. Dois ou três sermões por semana, dizem eles, é quanto podem lembrar e assimilar. Tais objeções à prédica freqüente, se não procedem de uma inimizade para com a religião, devem-se à falta da devida

consideração da maneira pela qual esses sermões geralmente dão proveito a um auditório. O principal benefício feito pela pregação é a impressão causada na mente, na hora, e não algum efeito que surja mais tarde pela lembrança do que foi transmitido. E, embora uma lembrança posterior daquilo que foi ouvido num sermão muitas vezes seja proveitosa, na maior parte, essa lembrança é de uma impressão que as palavras produziram no coração naquela hora; e a memória tira proveito, na medida em que renova e intensifica aquela impressão" (Vol. 1, 394).

Eu gostaria de acrescentar que muitas vezes tenho desestimulado a prática de tomar notas enquanto estou pregando. Isso está se tornando um hábito entre muitos evangélicos; mas, ao contrário do que muitos pensam, não é a marca por excelência da espiritualidade!

O primeiro e primordial objetivo da pregação não é tão-somente dar informação. É, como Edwards diz, causar uma impressão. É a impressão na hora que importa, ate mais do que aquilo que se pode lembrar subseqüentemente. Neste aspecto Edwards é, num sentido, um crítico de algo que era uma proeminente prática e costume puritano. O pai puritano costumava catequizar e interrogar os filhos quanto ao que o pregador tinha dito. Edwards, em minha opinião, tem a verdadeira noção da pregação. Não é primariamente transmitir informação; pois enquanto você esta escrevendo as suas notas, pode estar perdendo algo do impacto do Espírito. Como pregadores, não devemos esquecer-nos disso. Não somos apenas transmissores de informação.

Devemos dizer aos nossos ouvintes que leiam certos livros e obtenham informação ali. A tarefa da pregação é dar vida à informação. O mesmo se aplica aos preletores nos colégios. A tragédia é que muitos preletores simplesmente ditam notas e os pobres alunos as escrevem. Não é essa a tarefa de um preletor ou professor. Os alunos podem ter os livros, eles próprios; a tarefa do professor é dar calor a isso, dar-lhe entusiasmo, estimulá-lo, dar-lhe vida. E essa é a tarefa primordial da pregação. Levemos isso a sério. Edwards dava grande ênfase a isso; e o que necessitamos acima de tudo mais hoje é pregação comovente, apaixonada, poderosa. Esta deve ser "quente" e deve ser "zelosa". As vezes Edwards escrevia seu sermão completamente, e depois o lia para a igreja; mas nem sempre. Às vezes pregava utilizando anotações.

Agora vejamos Edwards, o teólogo. Só posso olhá-lo de relance nisso; porém tudo pode ser visto nos dois volumes das suas *Obras.* Naqueles dois volumes, se vocês não tiverem mais nada, terão um compêndio de teologia. Lembrem-se de que ele estava ensinando isso a pessoas como nós; na verdade, a pessoas que não tinham a instrução que a maioria tem na atualidade. Ele trata de todos os temas importantes, O Pecado Original, O Livre-Arbítrio, A Justificação pela Fé, A História da Obra de Redenção. Ele formula os princípios da evangelização em sermões; ele tem Cinco Discursos sobre a Redenção Eterna da Alma. Ele deu muita atenção à escatologia, à doutrina das últimas coisas, e à glória final que nos aguarda como filhos de Deus. Ele era, como digo, um

vigoroso teólogo; e se vocês quiserem de fato saber algo sobre esses vários temas, busquem Edwards. Verão a doutrina numa forma que vocês poderão acompanhar facilmente, e o resultado é que vocês serão grandemente beneficiados.

Mas, deixemos isso e passemos ao que é, afinal de contas, a coisa mais extraordinária de todas acerca de Jonathan Edwards. Ele foi, preeminentemente, o teólogo do avivamento, o teólogo da experiência, ou, como alguns o expressaram, "o teólogo do coração". A coisa mais espantosa sobre esse fenômeno, esse intelecto poderoso, é que ninguém sabia mais sobre as funções do coração humano, regenerado ou não, do que Jonathan Edwards. Se vocês quiserem saber algo sobre a psicologia da religião, conversão, avivamentos, leiam Jonathan Edwards. Quando o lerem, verão que a obra de William James, *Variedades da Experiência Religiosa* ("Varieties of Religious Experience"), é como passar de um livro sólido para uma brochura. O mesmo se aplica a Starbuck e, naturalmente, mais ainda às ociosas quimeras de William Sargant, que se refere ao famoso sermão sobre *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado.* Verão a resposta completa a isso tudo, se lerem as obras de Edwards. Esses homens são meros novatos, simplesmente patinhando na praia do mar, ao passo que Edwards os leva às profundezas, onde vocês começarão a ver o homem face a face com o seu Criador.

Nesse campo Edwards sobressai supremamente e sem rival. Um americano de nome Hofstadter publicou na década de 1960 um livro intitulado *O*

Anti-intelectualismo na Vida Americana ("Anti-Intellectualism in American Life"). Alguns evangélicos ingleses parecem ter descoberto isso recentemente e, invertendo a sua prática anterior, agora nos estão incentivando a que demos grande ênfase ao intelecto. A resposta a isso, mais uma vez, é ler Jonathan Edwards. Não há anti-intelectualismo nele. Vocês não podem empregar o termo anti-intelectual quando estão falando de Jonathan Edwards! É totalmente o inverso; nele vocês têm um intelecto aquecido pelo Espírito Santo e cheio dEle. É isso que se deveria poder dizer de todos nós. A minha alegação é que o que

Edwards escreveu nesta conexão é uma literatura única; e que não há coisa alguma em parte nenhuma que eu saiba ou de que eu tenha ouvido falar, que de algum modo seja comparável ao que ele escreveu. Ele realizou isso de várias maneiras. Faz narrativas pessoais de experiências das pessoas; já citei algo da própria experiência dele. Acha-se mais disso em sua Narrativa Pessoal, em seu diário. Ele nos faz um extenso relato de uma das admiráveis experiências que sobrevieram à sua esposa. A esposa de Jonathan Edwards foi pessoa tão santa como o próprio Edwards, e ela teve algumas experiências quase incríveis. Ele nos dá um relato delas e as examina. Um dos tratados que constam nos dois volumes é chamado *"Narrativa de Conversões Surpreendentes"* ("A Narrative of Surprising Conversions"). É a mais animadora e emocionante leitura que vocês poderão fazer jamais. Vocês as

leram? Bem, leiam-nas! Não serão capazes de parar, se começarem.

Outro importante grupo dos seus escritos consiste dos seus relatos de avivamentos. Foi-lhe pedido que o fizesse. Um dos seus tratados foi sobre o avivamento da religião na Nova Inglaterra. Foi enviado a amigos de Boston e depois a este país, e foi lido com grande avidez por homens da Inglaterra e da Escócia. Há referências a avivamentos e ao que aconteceu neles em muitas das suas cartas, e também, freqüentemente, em seus sermões. Entretanto o que é único e superlativo é o modo como ele analisa as experiências - tanto as experiências individuais como os avivamentos em geral. É aqui que ele é preeminentemente o mestre. Se vocês quiserem saber algo sobre avivamento verdadeiro, Edwards é o homem que se deve consultar. O seu conhecimento do coração humano e da psicologia da natureza humana é inteiramente incomparável.

Edwards escreveu sobre essas coisas porque, num sentido, ele foi compelido a fazê-lo, devido às críticas e a mal-entendidos. Ele sempre esteve lutando em duas frentes, a vida toda. Ocorreu em sua igreja um movimento do Espírito, e se espalhou a outras igrejas, numa área muito extensa, e então sobreveio o Grande Despertamento de 1740, associado ao seu nome e também a Whitefield e a outros. Tudo isso dividiu o povo das igrejas em dois grupos. Havia alguns que eram totalmente opostos ao avivamento. Eram homens ortodoxos, que defendiam a mesma teologia de Edwards. Eram calvinistas, mas não gostavam de avivamento. Não gostavam do

elemento emocional, não gostavam da novidade. Faziam muitas objeções ao que estava acontecendo; e Edwards tinha que defender o avivamento contra esses críticos. Mas havia também homens no outro extremo, os homens fogosos; e com eles penetrou o fogo descontrolado, que sempre tende a entrar em cena durante um avivamento. Estes eram os entusiastas, os homens que iam a extremos, homens culpados de estultícia. Edwards tinha que lidar com eles também; assim, aí estava ele, combatendo em duas frentes. Contudo, claro está que o seu único interesse era a glória de Deus e o bem da Igreja. Não tinha desejo de ser polemista, porém tinha que escrever em favor da verdade e para defendê-la.

As principais obras que contêm essas análises de experiências e essas justificações de experiências e de avivamentos acham-se em obras como *Tratado concernente aos Afetos Religiosos* ("A Treatise concerning the Religious Affections"). Esse é um dos seus livros mais famosos. Consistia realmente de uma série de sermões sobre um único versículo - 1 Pedro 1:8: "Ao qual, não o havendo visto, amais, no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso". O que ele faz nesses livros é mostrar a diferença entre o verdadeiro e o falso na esfera da experiência. Esse é o tema de todos esses diferentes tratados, e é desenvolvido nos dois lados, com o fim de lidar com os oponentes e com os entusiastas ao mesmo tempo. Eis a seguir o modo como ele divide o assunto no *Tratado concernente aos Afetos Religiosos.* Divide-o em três partes. Aqui vão os seus títulos: (1) "Acerca da natureza dos afetos e a

importância destes na religião". Ele tem que provar que eles são legítimos. Os adversários do avivamento pregavam os seus grandes sermões doutrinários, mas eram frios, e toda emoção e qualquer fervor eram automaticamente considerados tabus. Por isso Edwards tinha que justificá-los e mostrar que há lugar para eles. Então ele prossegue e mostra que "A religião verdadeira apóia-se muito nos afetos", e depois, "Inferências disso". A seguir vem a segunda parte, "Mostrando que não há sinais definidos de que os afetos religiosos são benignos ou não". Isso é típico de Edwards - o negativo e o positivo. Ele continua, mostrando que o fato de os afetos "se elevarem muito não é sinal" de que são verdadeiros, "a fluência e o fervor não são um sinal", "que não sejam provocados por nós não é sinal", "que venham acompanhados de textos das Escrituras não é prova de que são reais", "que haja uma aparência de amor não é sinal", "afetos religiosos de muitas espécies não são um sinal", "alegrias que seguem certa ordem não são um sinal", "muito tempo e zelo no dever", "muitas expressões de louvor, de grande confiança, de relações comoventes não são um sinal". Nenhuma dessas coisas é necessariamente um sinal verdadeiro de que eles são genuínos ou não. Depois, a terceira parte mostra quais são os sinais distintivos dos afetos verdadeiramente benignos e santos. "Os afetos benignos provêm da influência divina." "Seu objetivo é a excelência das coisas divinas...". "A prática cristã é o principal para os outros e para nós mesmos."

Assim era Edwards. Não é crédulo, e não é hipercrítico. Sempre examina os dois lados. Ele tinha

que defender vários fenômenos incomuns e notáveis que ocorreram no avivamento da década de 1740. Ele tinha que defender, e defende, o fato de que mesmo o corpo pode ser afetado. A mulher de Edwards exibiu, certa ocasião, o fenômeno conhecido como levitação. Ela foi literalmente transportada de uma parte da sala para outra, sem fazer nenhum esforço ou empenho. Às vezes pessoas desmaiavam e ficavam inconscientes nas reuniões. Edwards não ensinava que tais fenômenos eram do diabo. Ele tem algumas coisas surpreendentes para dizer a respeito disso. Ele sempre advertia os dois lados, advertindo da extinção do Espírito, e advertindo também do perigo de a pessoa deixar-se levar pela carne e de ser iludida por satanás por meio da carne. Ele advertia a todos. Houve uma ocasião em que ele advertiu até George Whitefield, que estava morando com ele. Whitefield tinha a tendência de obedecer e dar ouvidos a "impulsos" e a agir baseado neles. Edwards aventurou-se a criticar Whitefield quanto a isso, e a adverti-lo dos possíveis perigos.

Eis algumas ilustrações da maneira pela qual Edwards fazia esse maravilhoso trabalho. Elas mostrarão como ele advertia algumas pessoas do perigo de rejeitar o avivamento como um todo em termos da filosofia da história, e do perigo de examinar apenas aspectos particulares do avivamento, em vez de observá-lo como um todo e de reparar nos seus resultados extraordinários. Mas nada é mais importante do que o modo como ele advertia as pessoas do terrível perigo de julgar nestas questões em termos das suas experiências pessoais,

ao invés de fazê-lo em termos do ensino das Escrituras. Um dos nossos maiores perigos, na Igreja Cristã, e particularmente nas igrejas evangélicas ou conservadoras, hoje, é o hábito de reduzir algumas das grandes afirmações das Escrituras ao nível das nossas próprias experiências. Vejam, por exemplo, aquele versículo sobre o qual Edwards pregou em conexão com o seu *Tratado sobre os Afetos Religiosos:* "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8). Hoje há muitos que interpretam isso em termos da sua experiência pessoal e que nada sabem do "gozo inefável e glorioso". Dizem eles que isso é experimentado por todos os cristãos. Eis como Edwards adverte desse perigo:

"Gostaria de propor que se considerasse se é verdade ou não que alguns, em vez de fazerem das Escrituras a sua única regra para julgar essa obra, fazem da sua própria *experiência* a regra, e rejeitam tais e quais coisas agora professadas e experimentadas, porque eles mesmos nunca as experimentaram. Acaso não existem muitos que, principalmente sobre esta base, têm alimentado e ventilado suspeitas, se não condenações peremptórias, daqueles terrores extremos e daqueles grandes, repentinos e extraordinários descobrimentos das gloriosas perfeições de Deus, e da beleza e do amor de Cristo? Não teriam condenado tais veementes afetos, tais elevados transportes de amor e de alegria, tal compaixão e pesar pelas almas dos outros, e exercícios da mente que têm produzido tão grandes

efeitos, meramente, ou principalmente, porque nada sabem dessas realidades por experiência? As pessoas estão muito prontas a suspeitar daquilo que elas mesmas não sentiram. É para temer-se que muitos bons homens são culpados desse erro; o que, porém, não o torna menos insensato. E talvez haja alguns que, sobre essa base, não somente rejeitam essas coisas extraordinárias, mas também toda aquela convicção de pecado, os descobrimentos da glória de Deus, a excelência de Cristo e a convicção interior da veracidade do evangelho, pela influência imediata do Espírito de Deus, que agora se supõem necessários para a salvação. Essas pessoas, que desse modo fazem das suas experiências pessoais a sua regra para julgamento, em vez de inclinar-se à sabedoria de Deus e de render-se à Sua Palavra como uma regra infalível, são culpadas de lançarem uma grande censura sobre o entendimento do Altíssimo" (Vol. 1,371).

Ou vejam a sua defesa das incomuns ou elevadas experiências com Deus e com a obra do Espírito Santo. Ele escreve:

"Não é nenhum argumento dizer que não é obra do Espírito de Deus que alguns que são os sujeitos dela estiveram numa espécie de êxtase, no qual foram levados para além de si mesmos, e tiveram as suas mentes transportadas por uma corrente de vigorosas e agradáveis imaginações e por uma espécie de visões, como se tivessem sido arrebatados para o céu e ali tivessem visto coisas maravilhosas. Conheci bem alguns desses casos, e não vejo necessidade de introduzir o auxílio do diabo no relato que fazemos

dessas coisas, nem tampouco de supor que elas são da mesma natureza das visões dos profetas ou do rapto de Paulo para o paraíso. A natureza humana, sob esses intensos exercícios e afetos, é tudo que se necessita introduzir no relato" (Vol. 2,263).

Vejamos agora o que ele diz acerca do testemunho do Espírito junto dos nossos espíritos. Há muita confusão sobre isso no presente. Como é que vocês interpretam Romanos 8:15-16? Eis como Jonathan Edwards trata do testemunho do Espírito:

"Houve casos, anteriormente, de pessoas a bradarem em transporte de júbilo divino, na *Nova Inglaterra.* Temos um caso, nas *Memórias* do Capitão Clap (publicadas pelo Rev. Prince), não de uma simples mulher ou criança, porém de um homem de sólido entendimento, que, num elevado transporte de gozo espiritual, pôs se a bradar em seu leito. Suas palavras, p. 9, são: "O Espírito Santo de Deus (creio eu) deu testemunho junto com o meu espírito de que eu sou um filho de Deus; e encheu o meu coração e a minha alma com tão completa segurança de que Cristo é meu, e de tal maneira me transportou, que me fez bradar em minha cama, em alta voz, Ele veio! Ele veio!" (Vol. 1,370).

Será que todos os cristãos sentem e conhecem esse testemunho do Espírito? Não permita Deus que reduzamos essas gloriosas declarações ao nível das nossas pobres e débeis experiências. No mesmo parágrafo ele se refere àquela experiência inesquecível que John Fiável teve certa ocasião durante uma viagem.

Eis a sua defesa das assombrosas experiências que foram dadas à sua esposa. Tendo feito uma extensa narrativa das suas experiências, ele as analisa e as avalia. Havia muitos naquele tempo, e ainda os há, que as poriam de lado como êxtase, fantasia, imaginação exacerbada, etc. Eis como Edwards comenta isso:

Ora, se essas coisas não passam de entusiasmo, ou do fruto de um cérebro perturbado, oxalá o meu cérebro seja sempre tomado dessa feliz perturbação! Se é loucura, oro a Deus para que a humanidade toda seja presa por essa loucura benigna, dócil, benéfica, beatífica e gloriosa! Que noção têm da religião verdadeira aqueles que rejeitam o que aqui foi descrito! Que acharemos de corresponder a estas expressões das Escrituras: a paz de Deus que excede todo o entendimento; alegrar-nos com gozo inefável e glorioso; o resplendor de Deus em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo; com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor; chamados das trevas para a sua maravilhosa luz; e a estrela da alma apareça em nossos corações? (Filipenses 4:7; 1 Pedro 1:8; 2 Coríntios 4:6; 3:18; 1 Pedro 2:9; 2 Pedro 1:19). O que, permitam-me perguntar, se aquelas coisas mencionadas acima não correspondem a essas expressões, que outra coisa poderemos encontrar, que corresponda a elas?" (Vol. 1, 69).

Dessa maneira Edwards defendia as incomuns e excepcionais experiências que estavam sendo con-

cedidas a certas pessoas naquela época particular. Todavia, com toda a análise que faz, e com todo o seu exame, interrogatório e questionamento, ele nunca nos deixa confusos e desanimados, como o faz Thomas Shepard em seu estudo da "Parábola das Dez Virgens". Edwards sempre nos eleva, sempre nos estimula e não nos leva a sentir-nos sem esperança. Ele cria dentro de nós um desejo de conhecer essas coisas.

Permitam-me concluir com uma nota de aplicação. Terminar sem fazer aplicação seria ser desleal à memória desse grande homem de Deus. Quais são as lições que nos vêm de Jonathan Edwards para hoje? Nenhum homem é mais relevante para a presente condição do cristianismo do que Jonathan

Edwards. Nenhum é mais necessário. Tomem tudo o que estivemos considerando e, acima de tudo, tomem o tratado que ele escreveu em 1748, com o título, *Uma Humilde Tentativa de Promover Explícito Acordo e União visível do Povo de Deus em Extraordinária Oração pelo Avivamento da Religião epelo Progresso do Reino de Cristo na Terra.* Alguns amigos da Escócia tinham estado reunindo-se em oração desse modo, e escreveram a Edwards e lhe falaram sobre isso. Perguntaram-lhe se ele concordava com isso e se escreveria a respeito. Assim ele escreve esse grande tratado concitando as pessoas a se juntarem e a concordarem em fazê--lo uma vez por mês e de diversas outras maneiras. Ele argumenta e pleiteia muito, especialmente em termos do que ele e eles consideravam então como a proximidade da segunda vinda de Cristo e da glória

que haveria de revelar-se. Essa é uma declaração vigorosa e gloriosa. Certamente o avivamento é a única resposta para a presente necessidade e condição da Igreja. Eu gostaria de expor isto desta maneira: uma apologética que deixe de dar a suprema ênfase à obra do Espírito Santo está condenada a ser um completo fracasso. Todavia é o que temos estado fazendo. Temos apresentado uma apologética altamente filosófica e argumentativa. Temos argumentado acerca da arte moderna, da literatura moderna, do teatro moderno, de conceitos políticos e sociais, como se isso fosse o necessário. O que é necessário é uma efusão, um derramamento do Espírito, e qualquer apologética que não nos leve finalmente à necessidade desse derramamento, em última análise será inútil. Creio que estamos de novo quase na mesma situação que prevalecia antes de acontecerem aquelas coisas grandiosas na década de 30, no século 18. As preleções de Boyle tinham sido instituídas no século anterior com o fim de propiciarem uma apologética e a defesa da religião e do evangelho. E temos continuado a fazer o mesmo com muita assiduidade. Não somente isso; a famosa *Analogia* ("Analogy") do bispo Butler tinha aparecido em defesa do evangelho de maneira diferente. Mas não foram esses os fatores que mudaram a situação toda. Foi o avivamento; e a nossa única esperança é o avivamento. Temos tentado tudo mais; Edwards lembra-nos mais uma vez a suprema necessidade de avivamento.

Tratemos de ver com clareza o que ele disse a respeito disso. Precisamos saber o que significa

avivamento. Precisamos saber a diferença entre uma campanha evangelística e o avivamento. Não podem ser comparados. Precisamos compreender a diferença entre experimentar o poder do Espírito no avivamento e chamar pessoas para tomarem uma decisão. Há alguns anos um certo líder evangélico, muito conhecido e proeminente, estava insistindo comigo para assistir a certa campanha evangelística e, cheio de entusiasmo, dizia: "Você deve ir. É maravilhoso. Magnífico! As pessoas vão para a frente em grandes grupos. Nada de emoção. Nada de emoção!" Ele ficava repetindo, "Nada de emoção". Ele não tinha lido Jonathan Edwards! Deveríamos ficar seriamente preocupados, se não houver emoção. Se as pessoas podem tomar alguma suposta decisão por Cristo sem emoção, que é que realmente esta acontecendo? É concebível que uma alma possa aperceber-se do perigo de passar a eternidade no inferno, conhecer algo da santidade de Deus e crer que o Filho de Deus veio ao mundo e até morreu numa atrós cruz e morreu por nós e ressurgiu dos mortos para que essa alma pudesse ser salva, e todavia não sentir emoção?

Leiam Edwards sobre avivamento. A expressão que ele sempre usava era "um derramamento do Espírito". Hoje ouvimos falar muito sobre o que chamam "renovação". Não gostam do termo "avivamento"; preferem "renovação". O que eles querem dizer com isso é que todos fomos batizados com o Espírito no momento da regeneração, e que, portanto, tudo que temos que fazer é aperceber-nos do que já temos e render-nos a isso. Isso não é avivamento! Vocês poderão fazer tudo quanto eles ensinam e

auferir muitos benefícios; mas ainda não terão tido avivamento. Avivamento é um derramamento do Espírito. É algo que nos sobrevêm, que nos acontece. Não somos os agentes; apenas estamos cientes de que nos aconteceu algo. Assim Edwards nos lembra de novo o que é realmente o avivamento.

Isso leva a uma advertência aos que estão extinguindo o Espírito; e há muitos sobre os quais pesa a culpa disso no presente. Um livro escrito pelo finado Ronald Knox sobre *Entusiasmo* tornou-se popular entre certos evangélicos. Ele foi um intelectual católico romano, ignorante dessas coisas. Naturalmente, ele menciona Edwards e o famoso sermão. O Novo Testamento nos adverte do perigo de "extinguir o Espírito". Podemos ser culpados de fazer isso de várias maneiras. Podemos extinguir o Espírito interessando-nos exclusivamente por teologia. Também podemos fazê-lo interessando-nos somente pela aplicação do cristianismo à industria, à educação, às artes, à política etc. Ao mesmo tempo, Edwards faz advertências similares aos que só dão ênfase à experiência. Nada é mais notável do que o equilíbrio desse homem. Devemos ter teologia; entretanto esta deve ser teologia com fogo. É preciso que haja aquecimento e calor, bem como luz. Em Edwards encontramos a combinação ideal - as grandes doutrinas com o fogo do Espírito sobre elas.

Encerro com duas palavras especiais de aplicação. A primeira é para os pregadores. Temos urgente necessidade hoje daquilo que Edwards dizia aos pregadores em seus dias:

"Acredito que estaria cumprindo o meu dever de elevar os afetos dos meus ouvintes tão alto quanto me fosse possível, posto que eles não sejam afetados por nada, senão pela verdade, e por afetos que não discordem da natureza do assunto. Sei que já é velha praxe desprezar um modo de pregar muito caloroso e patético; e só tem sido apreciados como pregadores aqueles que mostram a mais ampla cultura, poder de raciocínio e correção na linguagem. Mas humildemente concebo que foi por falta de entender ou de estudar devidamente a natureza humana, que já se pensou que ela tem a maior propensão para atender aos fins da pregação; e a experiência da época passada e da atual confirma sobejamente o mesmo. Embora seja certo, como eu disse antes, que a clareza do discernimento, a ilustração, o poder de raciocínio e um bom método de manejo doutrinário das verdades da religião, de muitas maneiras são necessários e proveitosos, e não devem ser negligenciados, todavia, não é o aumento no conhecimento especulativo de teologia que as pessoas necessitam tanto como algo mais. Os homens podem ter grande soma de luz, e não ter nenhum calor. Quanto dessa espécie de conhecimento tem havido no mundo cristão na época atual! Porventura já houve alguma época em que o vigor e a penetração da razão, a extensão da cultura, a exatidão do discernimento, a correção do estilo e a clareza de expressão fossem tão abundantes? E, contudo, houve alguma época em que tenha havido tão pouco senso da malignidade do pecado, tão pouco amor a Deus, disposição celestial e santidade no viver, entre os que professam a religião verdadeira?

Nossa gente não precisa ter suas cabeças abastecidas, tanto como precisa ter os seus corações emocionados; e a nossa gente está na maior necessidade da espécie de pregação mais propensa a fazer isso" (Vol. 1, 391).

A seguir, uma palavra aos membros de igreja. Será que tudo o que eu disse os levou a sentir-se desesperançados? Levou-os a duvidar, talvez, que são cristãos? Meu conselho a vocês é: leiam Jonathan Edwards. Deixem de freqüentar tantas reuniões; desapeguem-se das diversas formas de entretenimento que atualmente são tão populares nos círculos evangélicos. Aprendam a ficar em casa. Reaprendam a ler, e não apenas as historias emocionantes de certas pessoas modernas. Retornem a algo sólido, real e profundo. Vocês estão perdendo a arte de ler? Muitas vezes os avivamentos começaram como resultado da leitura de obras como estes dois volumes das obras de Edwards. Portanto, leiam este homem. Tomem a decisão de fazê-lo. Leiam os seus sermões; leiam os seus tratados práticos, e depois passem aos grandes discursos sobre assuntos teológicos.

Mas, acima de tudo, tendo lido este homem, tentemos, todos nós, captar e reter a sua maior ênfase - a glória de Deus. Não nos detenhamos em algum benefício que tenhamos recebido, nem mesmo com as experiências mais elevadas que tenhamos desfrutado. Procuremos conhecer mais e mais a glória de Deus. É isso que sempre leva a uma experiência genuína. Precisamos conhecer a majestade de Deus, a soberania de Deus, e precisamos ter senso de temor, senso do maravilhoso. Temos

conhecimento disso? Há em nossas igrejas um senso do maravilhoso e do espantoso? Essa é a impressão que Jonathan Edwards sempre comunica e cria. Ele ensina que essas coisas são possíveis ao cristão mais humilde. Ele pregava e ministrava a pessoas comuns e, todavia, dizia-lhes que essas coisas eram possíveis a todas elas. Depois, além de tudo, e numa época de crise e incerteza como a atual, não conheço nada que seja mais maravilhoso que a sua ênfase à "bendita esperança". Leiam o sermão que ele pregou nos funerais de David Brainerd. É uma narrativa sobre o céu e sobre a glória que nos aguarda como filhos de Deus. Num mundo em colapso, com tudo a dissolver-se diante dos nossos olhos, não seria hora de levantarmos as nossas cabeças e os nossos olhos, e olharmos para a glória que há de vir? Ainda que a situação financeira deste país entre em colapso, que tudo entre em colapso, os propósitos de Deus são certos e seguros. Nada "poderá fazê-lO renunciar ao Seu propósito"; e há uma glória que nos aguarda, glória que frustra toda tentativa de descrição. Foi preparada para nós, e aguarda a todos os que verdadeiramente buscam essas coisas, "e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:13).

Assim, despeçamo-nos de Jonathan Edwards citando o que ele disse de David Brainerd: não posso pensar em algo melhor do que isso para dizer sobre o próprio Edwards:

"Quanta coisa há, em particular, nas coisas que têm sido observadas sobre esse eminente ministro de Cristo, para animar-nos, a nós que fomos chamados

para a mesma obra do ministério do evangelho, a cuidado e esforços fervorosos, para que, à semelhança dele, sejamos fiéis em nosso trabalho; para que sejamos cheios do mesmo espírito, alentados pela mesma pura e ardente chama de amor a Deus, e pelo mesmo zeloso interesse em promover o reino e a glória do nosso Senhor, e a prosperidade de Sião! Quão amável esses princípios tornaram esse servo de Cristo em sua vida, e quão abençoado o seu fim! Breve chegará a hora em que nós também teremos que deixar os nossos tabernáculos terrestres, e ir ao nosso Senhor, que nos enviou para trabalhar em Sua seara, para Lhe prestar contas de nós mesmos. Ah, como isso diz respeito a nós, de modo que corramos, não incertamente; lutemos, não como quem esmurra o ar! E o que ouvimos não nos animaria a pôr a nossa confiança em Deus, dEle buscando ajuda e assistência em nossa grande obra, e a dedicar-nos muito a buscar os influxos do Seu Espírito e êxito em nossos labores pelo jejum e oração - de que era tão rica a referida pessoa? Essa prática ele recomendou em seu leito de morte, partindo das suas experiências pessoais dos seus grandes benefícios, a alguns candidatos ao ministério que se achavam ao lado da sua cama. Ele falou muitas vezes da grande necessidade que os ministros têm de muito do Espírito de Cristo para realizarem a sua obra, e de quão pouco benefício provavelmente farão sem Ele; e de como, "quando os ministros estavam sob as influencias especiais do Espírito de Deus, isto os ajudava a chegar às consciências dos homens, e (como ele o expressava), por assim dizer, a

manuseá-las com as mãos; ao passo que, sem o Espírito de Deus, dizia ele, sejam quais forem os argumentos e a oratória de que façamos uso, faremos apenas uso de cotos, e não das mãos".

"Ah, que as coisas que foram vistas e ouvidas dessa extraordinária personalidade, a sua santidade, a excelência do seu caráter, o seu trabalho, e a abnegação da sua vida, a maneira tão notável de devotar-se, e de devotar tudo quanto lhe pertencia, no coração e na prática, à glória de Deus, e a maravilhosa estrutura mental manifesta de maneira tão firme, sob a expectação da morte, e das dores e agonias que se lhe seguiram, despertem em nós, ministros e povo, um devido senso da grandeza da obra que nos cabe fazer no mundo, da excelência e cordialidade da religião integral, na experiência e na prática, da bênção do fim de uma vida como essa e do valor infinito da sua recompensa eterna, quando estaremos ausentes do corpo e presentes com o Senhor; e efetivamente nos estimulem a esforços para que, nas pegadas dessa vida santa, cheguemos afinal a um fim tão abençoado" (Vol. 2, 35-36).

Jonathan Edwards e a Crucial Importância de Avivamento

Este opúsculo reproduz a palestra proferida pelo Dr. Lloyd-Jones na Conferência Westminster em 1976. A mesma constitui o décimo sétimo capítulo do livro *Os Puritanos: suas origens e seus sucessores* — a ser publicado em breve.

Nestes dias de tanta confusão teológica o Dr. Lloyd-Jones nos lembra dos princípios que nortearam a vida e ensinos dos puritanos, os quais o influenciaram tanto. Diz ele: "Omeu real interesse (nele) surgiu em 1925... Desde aquele tempo um verdadeiro e vivo interesse pelos puritanos e suas obras me prendeu, e sou franco em confessar que todo o meu ministério tem sido governado por isso... Não há nada que tanto estimule o verdadeiro ministério da Palavra, pois aqueles homens foram grandes modelos nesse aspecto".

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 — 01059-970 São Paulo — SP